



As caixas cinza

Laura Jovchelovitch*

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Porto Alegre, Brasil
laurajovchelovitch@gmail.com

Foi só depois do terceiro copo de vinho, quando já tínhamos comido o primeiro pedaço de matzá, já tínhamos falado sobre as pragas e já tínhamos aberto a porta, que eu notei que o Senhor Topiakov tinha dificuldade para pronunciar a letra p.

Três anos antes, no início do namoro, Ilana me levou ao casamento de uma das mil primas dela. Acho que essa era de primeiro grau. Eu já tinha ido jantar na casa dos pais dela mais de uma vez, já tinha ido a um aniversário da mãe e a um chá de fraldas de outra prima. Mas a família inteira eu só conheci no casamento, inclusive o Senhor Topiakov.

Era uma festa com mais de duzentos convidados. Todos os homens de terno e gravata. Todas as mulheres de salto alto e vestido abaixo do joelho. Isso não impediu ninguém de dançar a noite inteira. Quando iam levantar os noivos nas cadeiras, o Senhor Topiakov andou determinado até o centro da pista de dança, mas o pai de Ilana não deixou que ele levantasse a noiva, por mais leve que ela fosse.

Ele operou uma hérnia de disco há uns anos, Ilana explicou. Fazer tanto esforço na idade dele não é uma boa ideia. Eu concordei com a cabeça. Mais tarde, suado de tanto dançar, sentei ao lado dele para recuperar o fôlego. Percebi os olhos verdes, tom de esmeralda, escondidos atrás dos óculos finos de formato oval. Eles escorregavam pelo nariz com frequência, mas ele não parecia se incomodar. Só arrumava quando eles estavam a um passo de cair.

Não sei como ela consegue, comentei com ele enquanto víamos Ilana balançar os quadris e os braços de um lado para o outro. Já tinha dançado todas as coreografias judaicas, que ela sabia de cor. Já tinha dançado os sucessos dos anos 80. Já tinha dançado samba, MPB e rock brasileiro. Agora era Beatles, início de carreira. Ela é assim, não para quieta um segundo, quando criança todo mundo dizia que ela estava sempre com shpilkes, ele respondeu. Eu não entendi a última parte, mas não pedi para ele explicar.

Ali eu percebi que o Senhor Topiakov era falante, apesar do olhar tímido e distraído. Ele contou histórias até da infância do pai de Ilana, sobrinho dele. Lembrava das férias que passaram juntos em Capão da Canoa, das noites em que fingiu esquecer as

* Mestranda em Letras, na área de concentração em Escrita Criativa, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Graduada em Escrita Criativa pela PUCRS. Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



regras para que o sobrinho vencesse os jogos de canastra e de quando o pai de Ilana tropeçou no próprio Bar Mitzvá. A memória parecia ter se mantido intacta com a idade. A riqueza de detalhes me surpreendia.

No ano seguinte, quando eu e Ilana tínhamos recém começado a morar juntos, ela me levou à casa dele. Fomos visitá-lo no aniversário. Como em todos os anos, ele não fazia festa. Era um apartamento de três quartos no sexto andar de um prédio antigo do Bom Fim. Assim que chegamos, ele reclamou de dor nas pernas. Tem que se poupar, tio, fica subindo escada à toa, ela falou preocupada. Ele disse que precisava se movimentar para ficar saudável. Ela concordava, mas seis lances de escada eram muito. Ele mudou de assunto. Não anda de elevador de jeito nenhum, acho que tem medo, ela sussurrou pra mim quando ele foi atender o telefone.

Mais tarde, tive que usar o banheiro. É a penúltima porta no final do corredor, ele disse, mas eu não ouvi a primeira sílaba. Abri a última porta. Era um cômodo com cama e guarda-roupa, que parecia mais um depósito do que um quarto. Dezenas de caixas cinza espalhadas pelo chão. Todas de mesmo formato e tamanho. A vontade era de entrar e abrir tudo. Uma por uma. Respirei fundo, fechei a porta e fui em direção ao cômodo certo antes que a tentação se tornasse irresistível.

Nossa visita não se estendeu por muito tempo. Foi um alívio para mim. Olhar para ele sem perguntar o que ele guardava, ou melhor, o que ele escondia nas caixas, era tortura. Ilana prometeu visitá-lo com mais frequência e nós nos despedimos dele com um abraço. Dirigi em silêncio até em casa. Ilana estranhou, mas quando eu disse que não era nada, ela não insistiu.

Ela cumpriu a promessa de visitá-lo, mas toda vez eu dava uma desculpa para não ir junto. Sabia que se fosse não ia resistir. Teria que perguntar. Não, não teria coragem. Não podia admitir que tinha bisbilhotado. Seria pior. Eu teria que entrar escondido no quarto e abrir as caixas.

Chegou o dia em que eu não pude recusar. O convite foi inusitado. Ilana disse que nunca tinha ido a um Seder de Pessach na casa dele. Mas ele tinha insistido em organizar o jantar. E no primeiro dos oito dias. O avô paterno de Ilana aceitou não fazer o jantar para que o irmão fizesse e a avó materna concordou em fazer na casa dela no segundo dia. Os dois com muita relutância.

Já sabia como funcionava a cerimônia. Tinha ido nos outros anos. Fui bem recebido. Sempre era bem recebido nos eventos da família da Ilana. Mas era a família dela. Mais uma vez, eu era a peça que não se encaixava no quebra-cabeça. De kipá, camuflado entre aqueles homens que pertenciam de fato àquele lugar. Um impostor. O namorado góí da Ilana.

O importante é que a nossa porta esteja aberta. Tanto para o profeta, Eliahu, o precursor do Messias, que aguardamos há séculos e não sabemos se virá esta noite,



quanto para o nosso vizinho, disse o Senhor Topiakov. Então bebemos o terceiro copo e abrimos a porta. E eu percebi a dificuldade com a letra p. E eu lembrei de quando ele falou penúltima porta e eu entendi última. E eu lembrei das caixas. As malditas caixas cinza.

Depois disso, o tempo começou a passar mais devagar. Era o final. Só faltava o último copo. Mas depois dele, comemos o jantar. Depois do jantar, a sobremesa. Com licença, finalmente pude dizer sem parecer mal-educado. Disse para Ilana que não estava me sentindo muito bem e que logo voltaria.

Caminhei até o final do corredor. Ninguém iria ver eu entrar uma porta depois. Ninguém suspeitaria de nada. Mas eu não conseguia me mexer. Estava tão perto. Era só abrir. Toquei a maçaneta fria e girei. Minhas mãos e costas suavam. Entrei rápido e fechei a porta sem fazer barulho. Suspirei aliviado ao ver que as caixas continuavam ali. Havia ainda mais do que eu me lembrava. Umas cinquenta, talvez mais.

Eu não estava preparado para o que vi quando abri a primeira caixa. A minha surpresa foi ainda maior ao abrir mais uma. Mais duas, três, quatro. E ver o mesmo conteúdo em todas. Tinha feito muitas suposições. Pensei em documentos confidenciais, em fotografias comprometedoras, em objetos obscenos. Mas nunca, nunca na minha vida eu teria adivinhado que o Senhor Topiakov guardava mais de cinquenta caixas de mesma cor, tamanho, material e formato com centenas de patinhos de borracha dentro.

A maioria deles era amarela. Alguns eram brancos, outros laranja. As exceções, patinhos azuis, verdes e pretos, se destacavam no meio deles. Os olhinhos esbugalhados me olhavam como se perguntassem o que eu estava fazendo ali e o que faria em seguida. Eu não sabia responder. Ouvi passos cada vez mais próximos e fechei as caixas o mais rápido que consegui. Esperei eles se afastarem, saí do quarto e entrei no banheiro.

O meu reflexo no espelho estava pálido. Quase não me reconheci. O rosto assustado, os olhos arregalados iguais aos dos patos e a kipá na cabeça. Abri a torneira, abaixei o rosto e o enxaguei até me acalmar. A kipá não caiu. A cor voltou aos poucos. A boca vermelha me lembrou os bicos, mas eles já não pareciam mais tão ameaçadores. Eram patinhos. De um senhor simpático, que não sentia os óculos caírem, que tinha medo de elevador, que me recebia na casa dele e parecia feliz de me ter ali, apesar de tudo.

Enviado em: 07/03/ 2024

Aprovado em: 25/03/2024